

# FOGO NO MATO



PÂM

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes  
Visuais, entregue ao Departamento de Artes  
Plásticas (CAP) da Escola de Comunicação e  
Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

**Orientador: Prof. Dr. Marco Francesco Buti**

**Para meu amigo Fábio, que ouviu a  
primeira versão dessa história;**

**E para o Caphé, que primeiro  
ouviu o que ela se tornou.**





vou contar uma história sobre mim

que não sei bem  
onde começa

mas pode ser com uma roda de fogueira



ou então



com meu pai matando um homem



ou com...



ou com a ordem de  
queimar Moinhos

e o cheiro de fumaça subindo entre a gente



mas acho que começa com a fogueira



com uma história besta,  
coisa que meu pai me  
contava na infância



de um homem que queria ser dono do fogo



ele me contava que se descer o Rio das  
Pedras até ele ficar largo, largo suficiente  
pra cansar o braço de atravessar nadando



chega uma hora que o mato adensa tanto  
que não dá nem mais pra ver terra seca



e é nessa hora que a margem  
fica cheia de pedrinha branca

meu pai fala que é tudo olho de gente,

de gente que tentou antes  
dele e morreu tentando,

mas que mesmo assim ele entrou, ele tapou o olho e foi desse  
jeito mesmo, como se ninguém tivesse tentado igual antes.

ele entrou no rio até a água cobrir o peito e ficou esperando...

porque esse negócio de roubar fogo funciona  
assim, você entra no rio e você chama,

você chama e o rio escuta,

ninguém sabe o que é que vem,  
mas você sente chegando.



o único problema



é que o rio não escuta  
o que você pede



ele escuta o que você esconde

e quanto mais você quer queimar



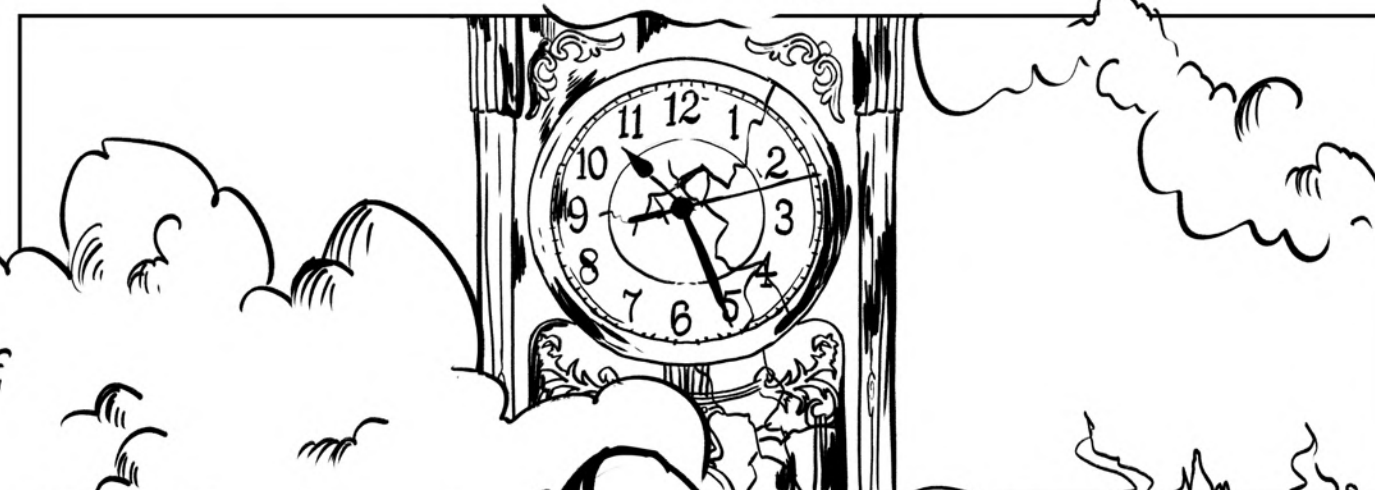
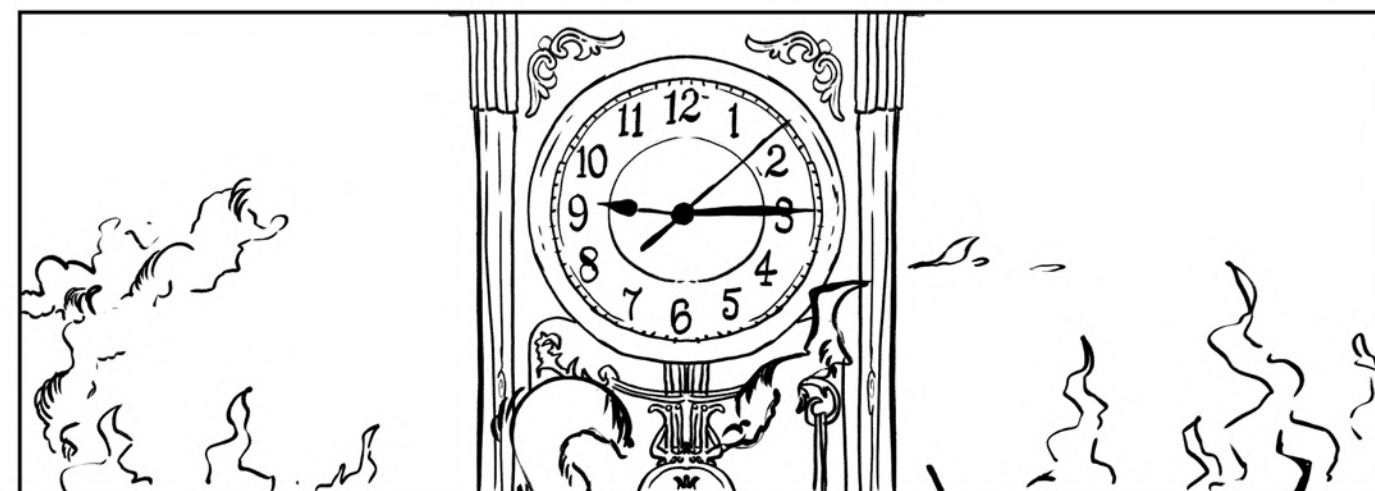
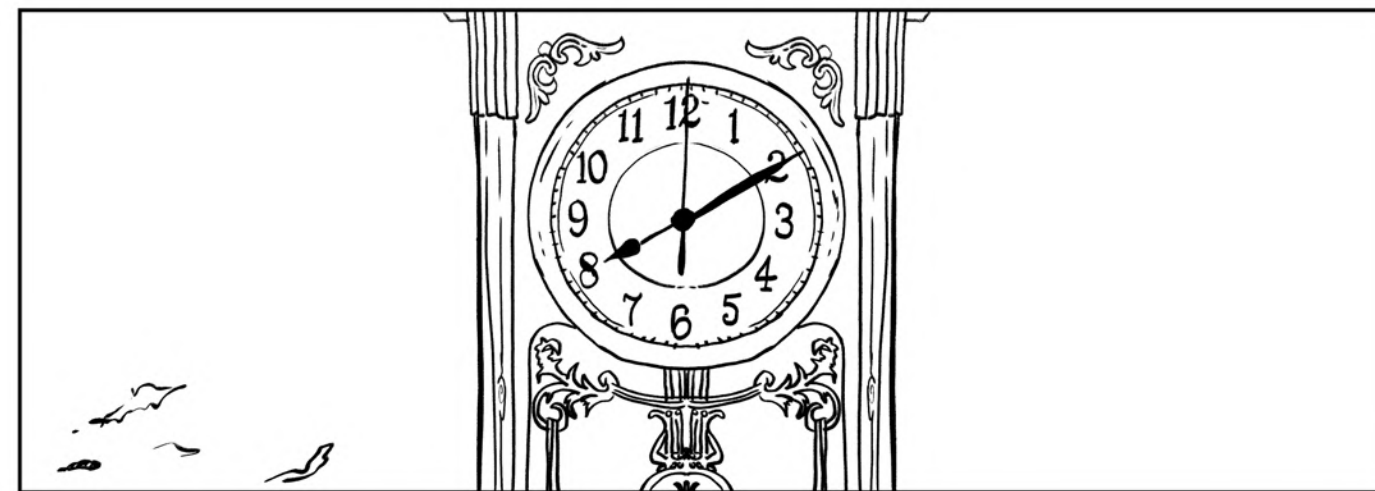
mais ele te queima



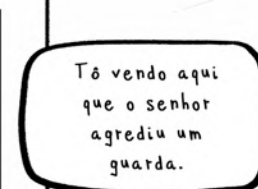
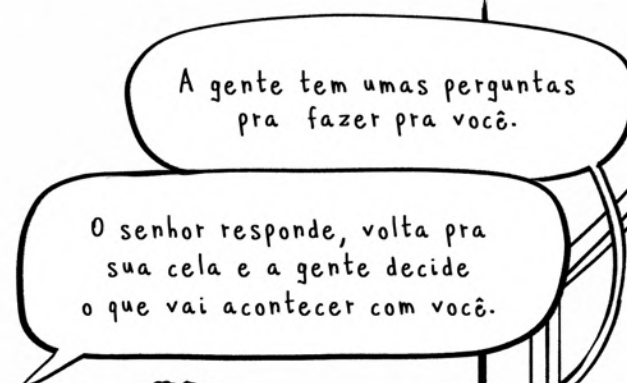
Parte 1: A Fogueira



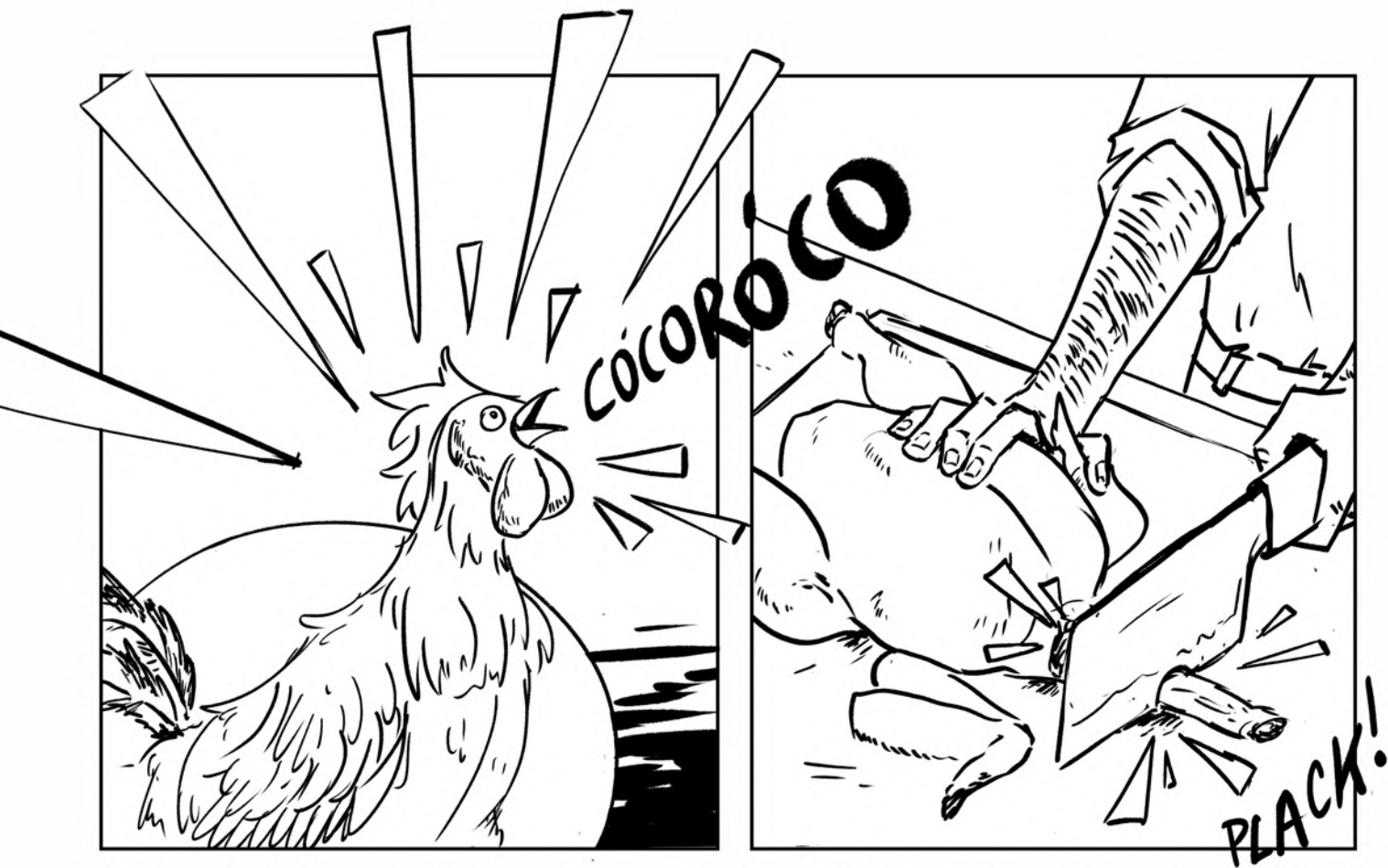


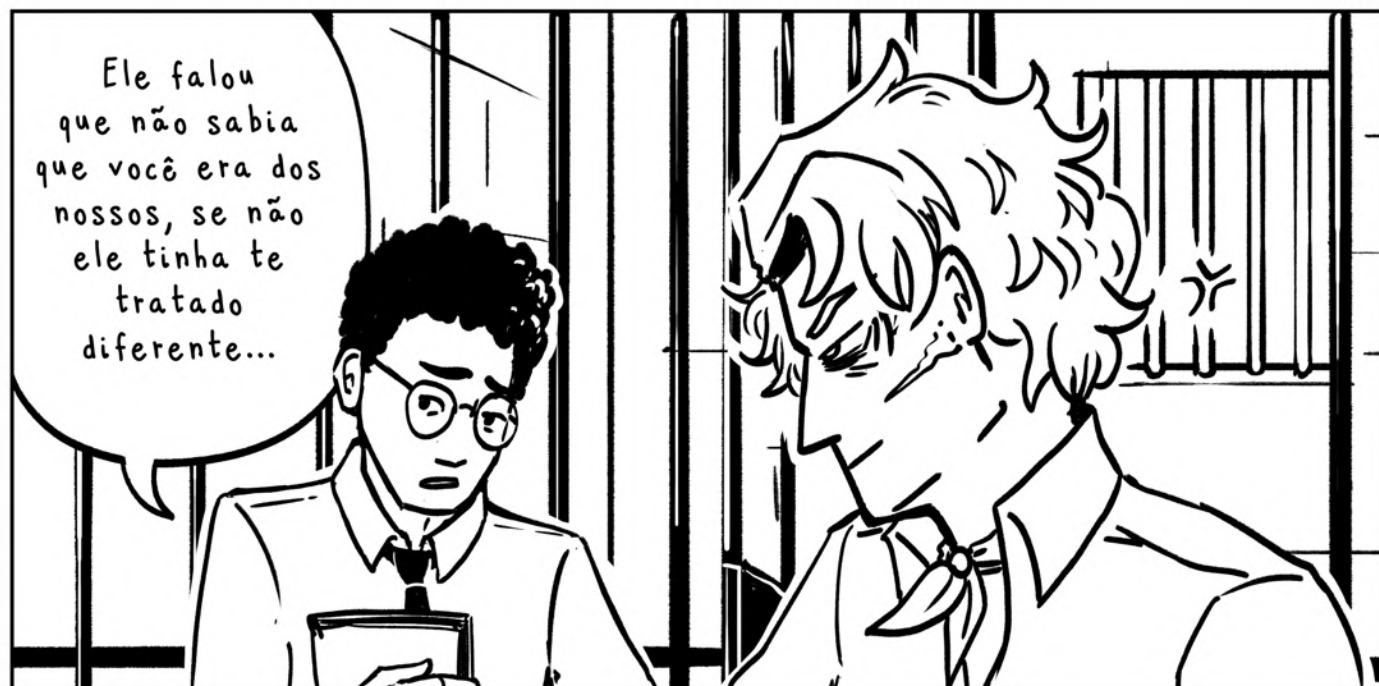




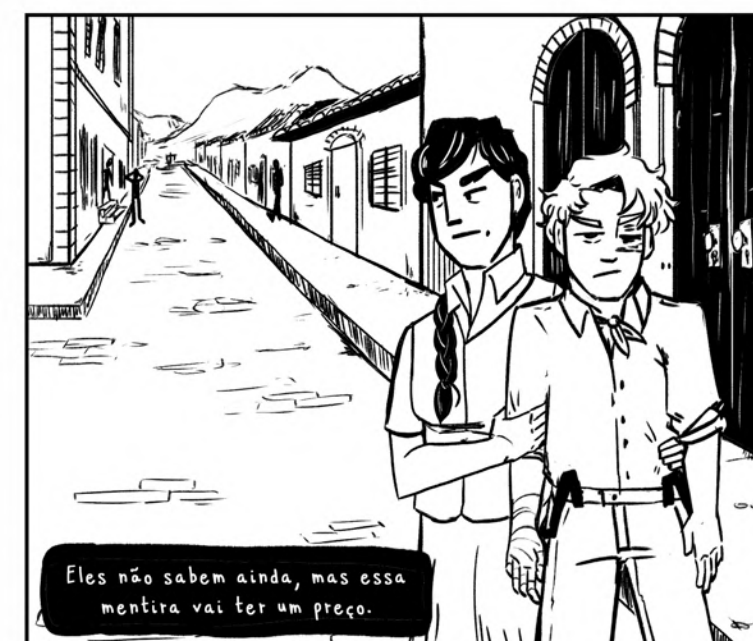














Qual o seu problema, por que você falou que a gente é noivo?

Pra tirar uma com a cara dele, ué.

Tá com nojo?

Porque na verdade eu menti também.



Ele machucou você, não foi?

Eu tô todo detonado.

Então. Tem que deixar ele com medo, ué. Vamo na enfermaria primeiro e aí a gente vai pra onde a gente vai ficar.

Essa história não é muito sobre mim.

Consegui lugar pra gente na Hospedaria.  
Mas tem que trabalhar na cozinha.

Ah, que ótimo! A gente perde a casa,  
perde o gato, mas não perde o emprego!

Para de reclamar.

Eu até faço parte dela.

Mas na verdade é a história de como o Primeiro Império de Lissabão caiu depois de mais de 200 anos inabalável.

E ela começa com esse falso casamento.

Ainda sobre aquela fogueira...





Eu lembro que você ficou com medo.

















A história é mais ou menos o seguinte: quando a Samara era jovem e ainda eram ela, o irmão, a mãe e o pai, as coisas ainda eram boas.



Mas depois que a mãe morreu, as coisas deixaram de ser.

Alguns bons anos depois, o irmão dela casou e as coisas voltaram a ficar mais ou menos toleráveis.



Quase ficaram boas de verdade, mas...



Nunca chegaram a ficar.



Tisc... é minha sobrinha. Ele pediu pra pegar ela no porto.

Eu fico pensando que eu deixei ela sozinha com ele lá e sei lá...



Se ela não gaurdar mágoa pensei em tentar ser proxima dela de novo. Levar ela embora com a gente se der errado no sitio... alguma coisa assim.

Agora se ela gaurdar mágoa... bom, ai ela vai ter que ficar dez horas num trem comigo até chegar.



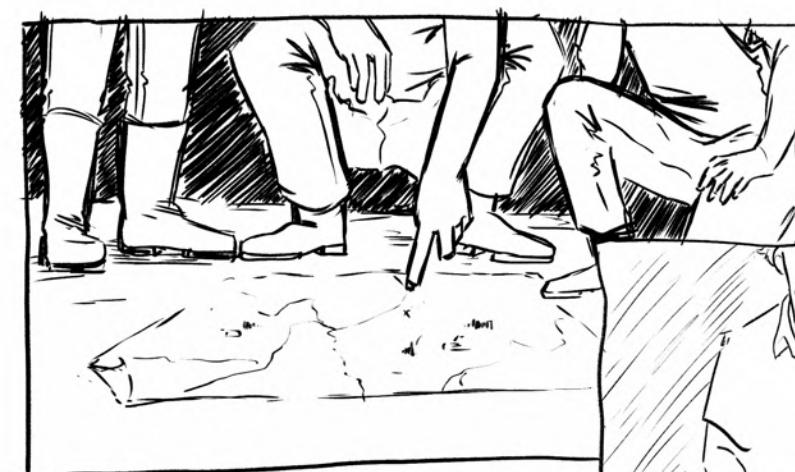
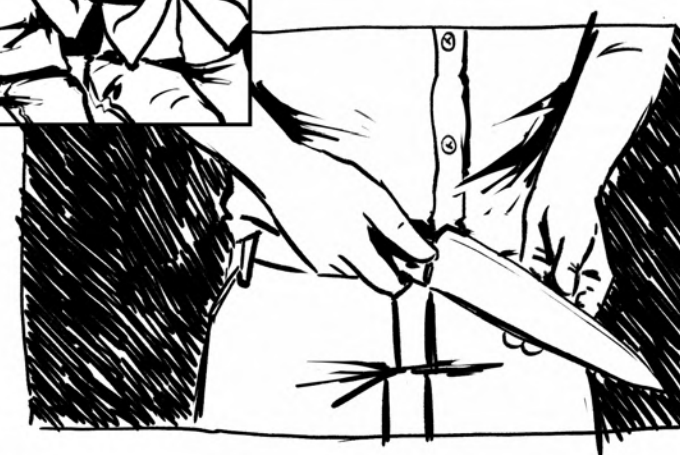
Ugh, que dor de cabeça...

Enfim... se você também quiser ir a gente vai. Depois a gente conversa mais. Falar diso me deixou exausta.



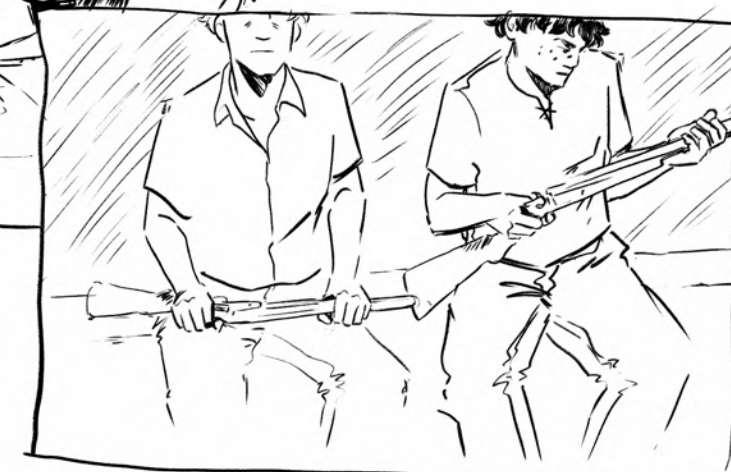


Será que alguém ficou vivo?



Será que acham que ele morreu?

Ou será que acham que ele abandonou eles também?





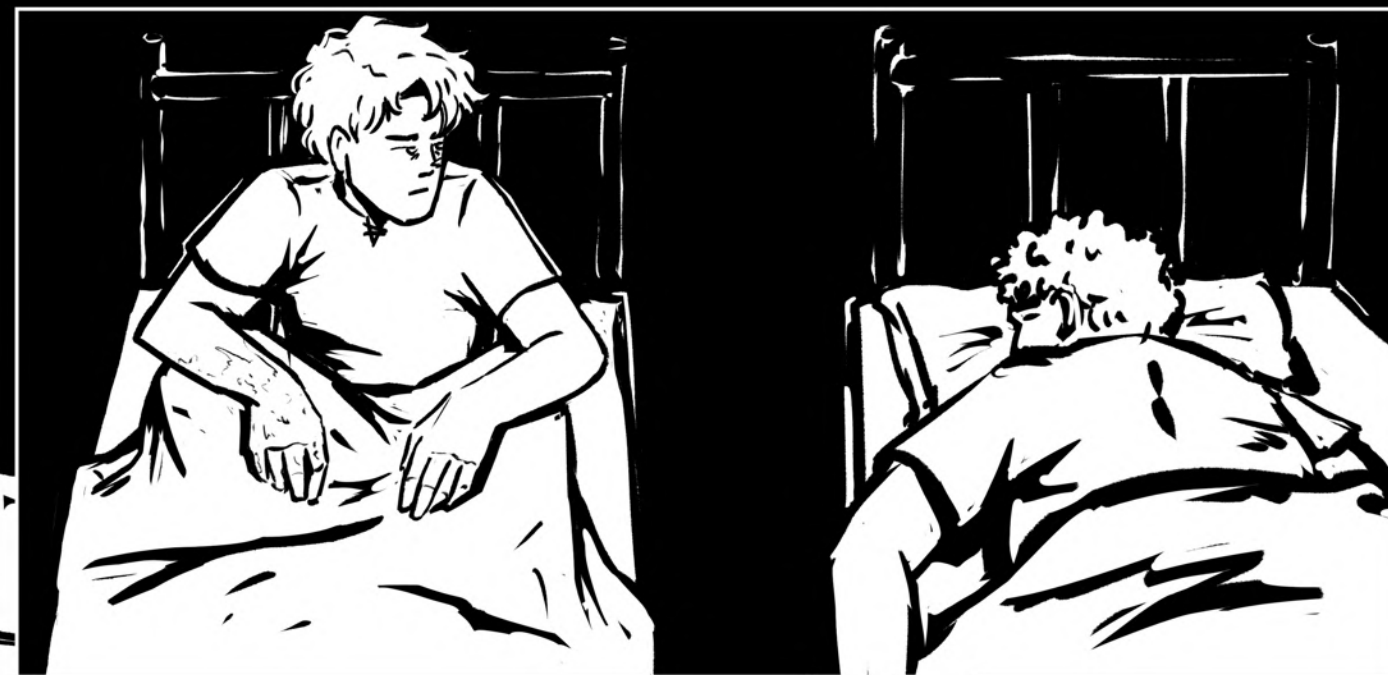
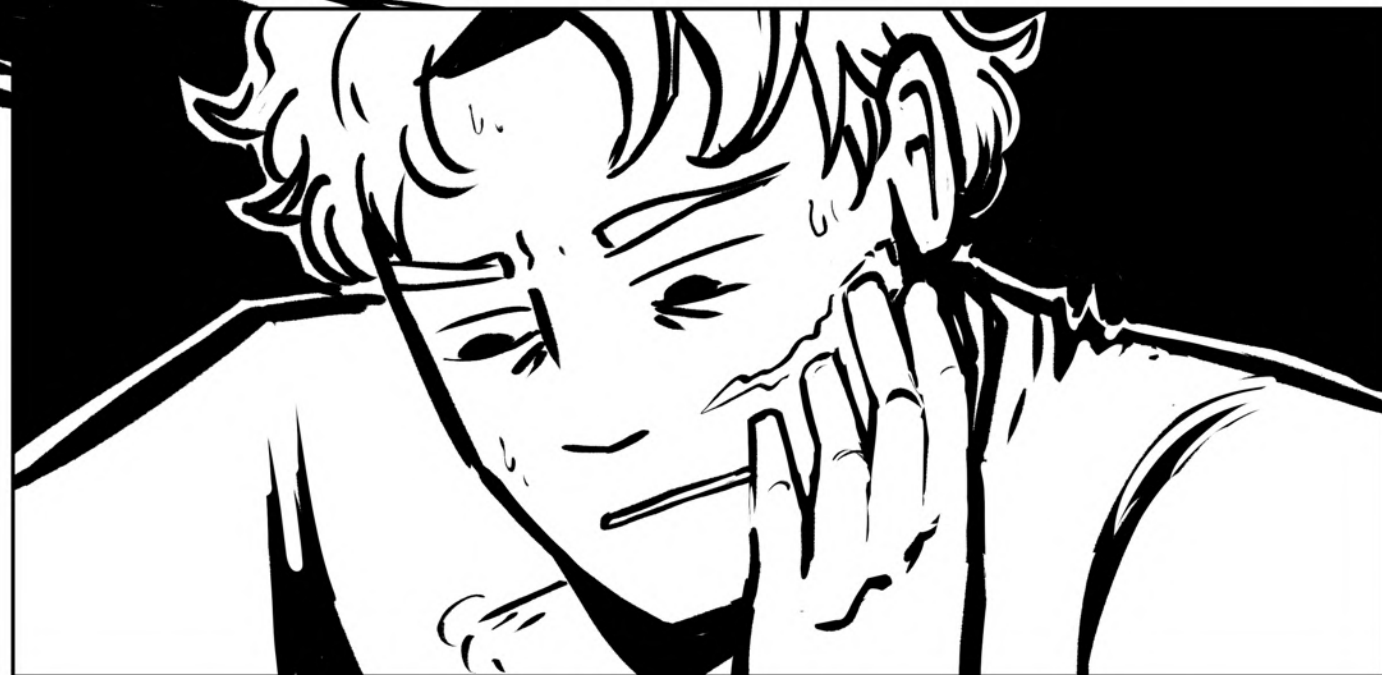
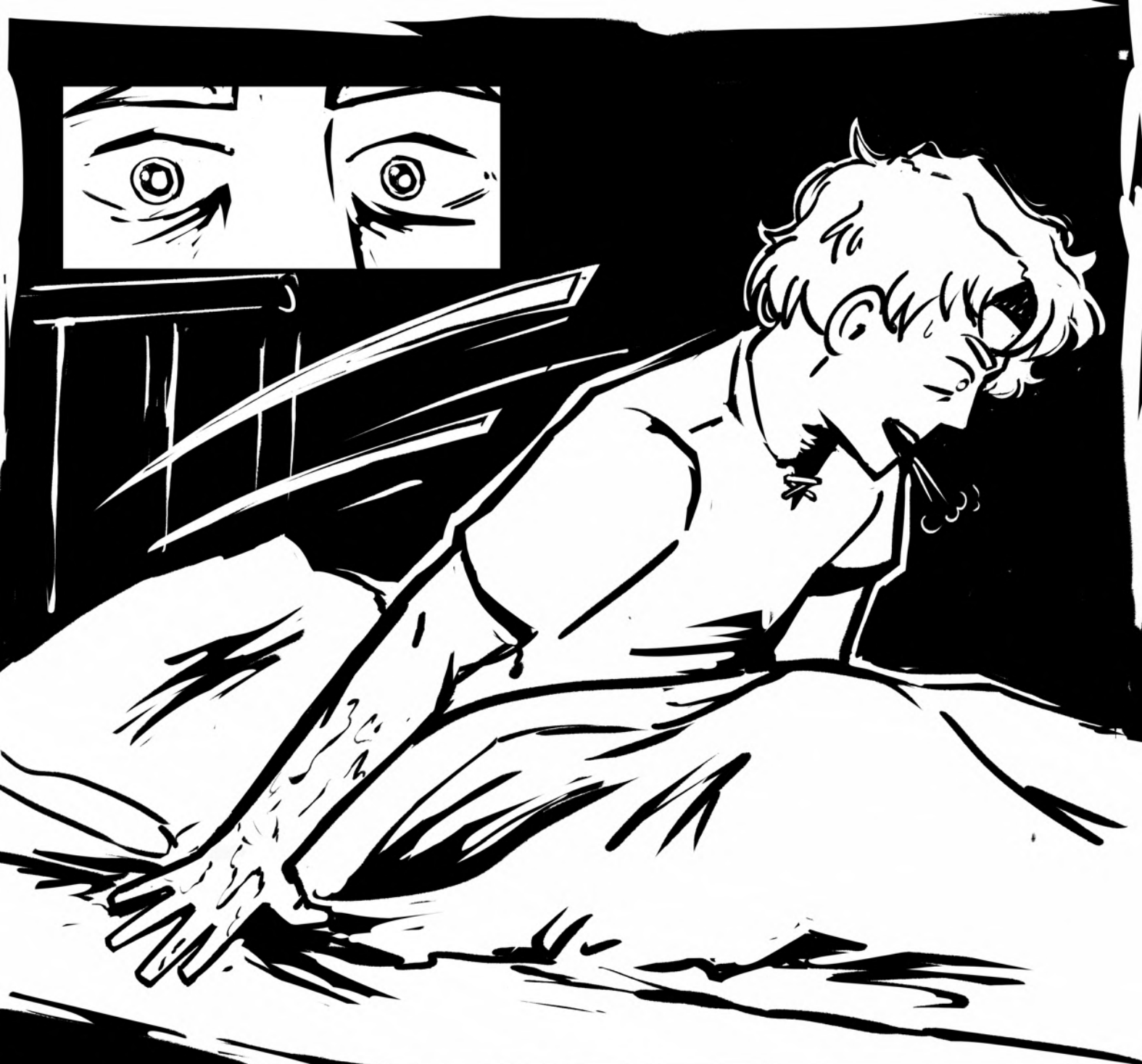








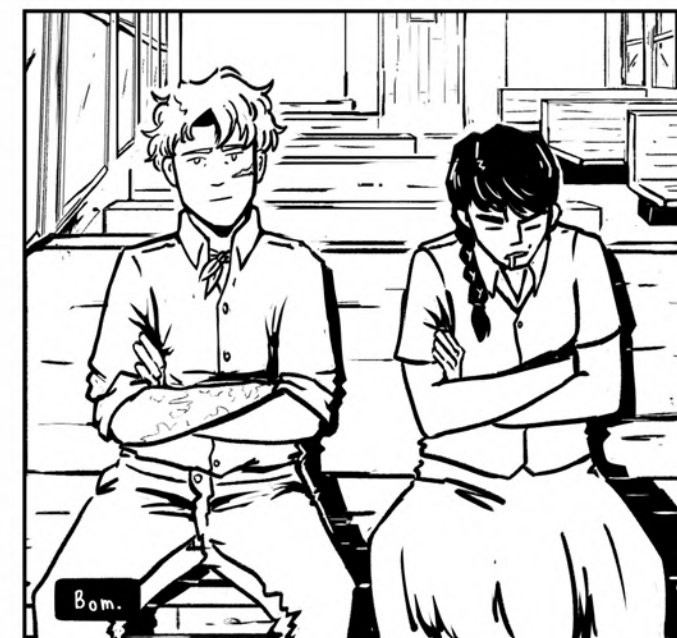




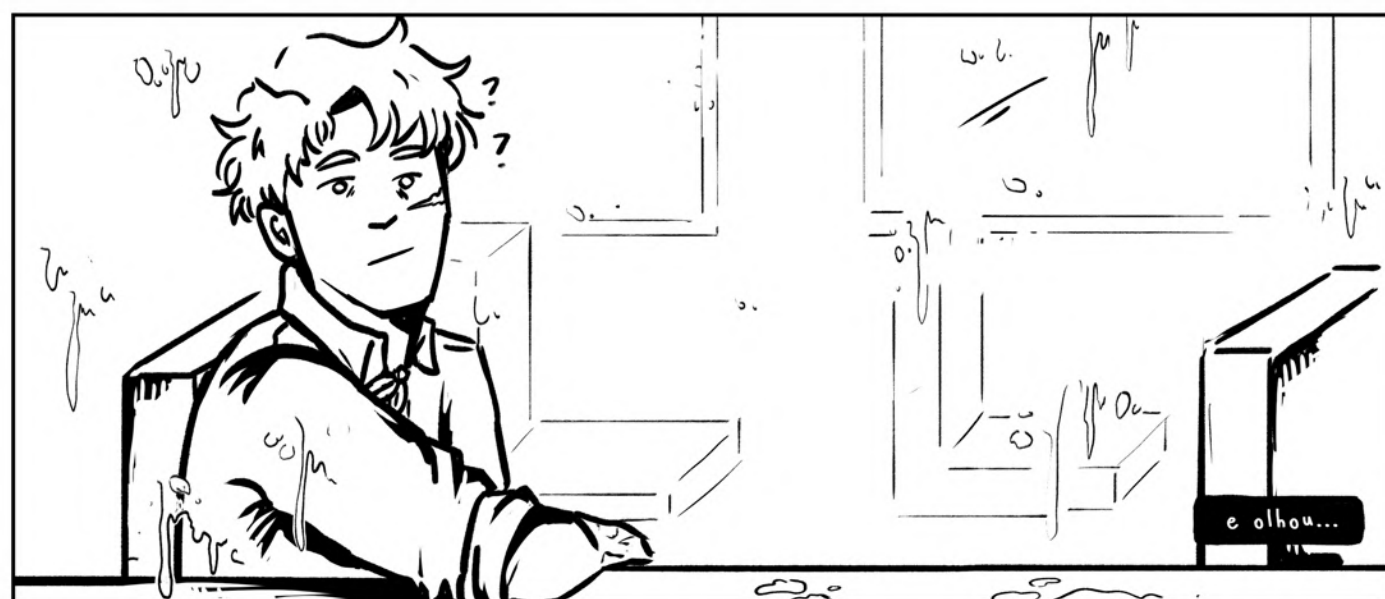
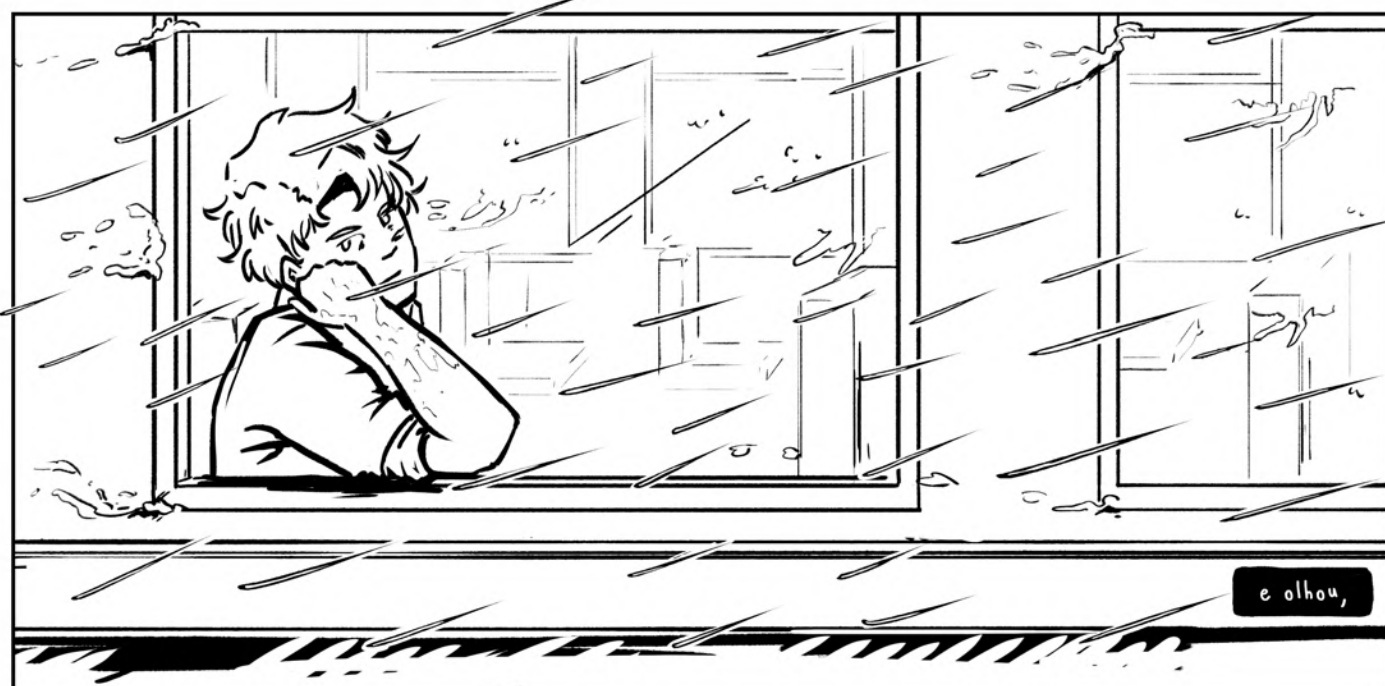
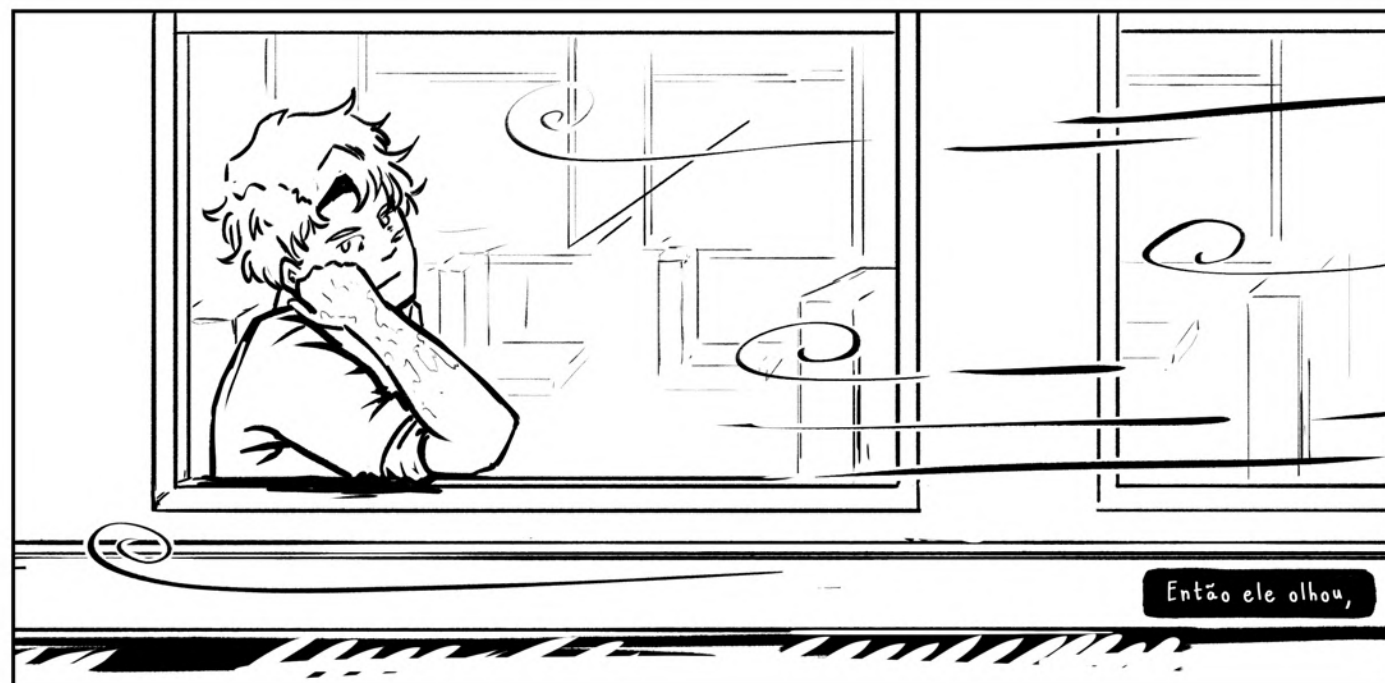








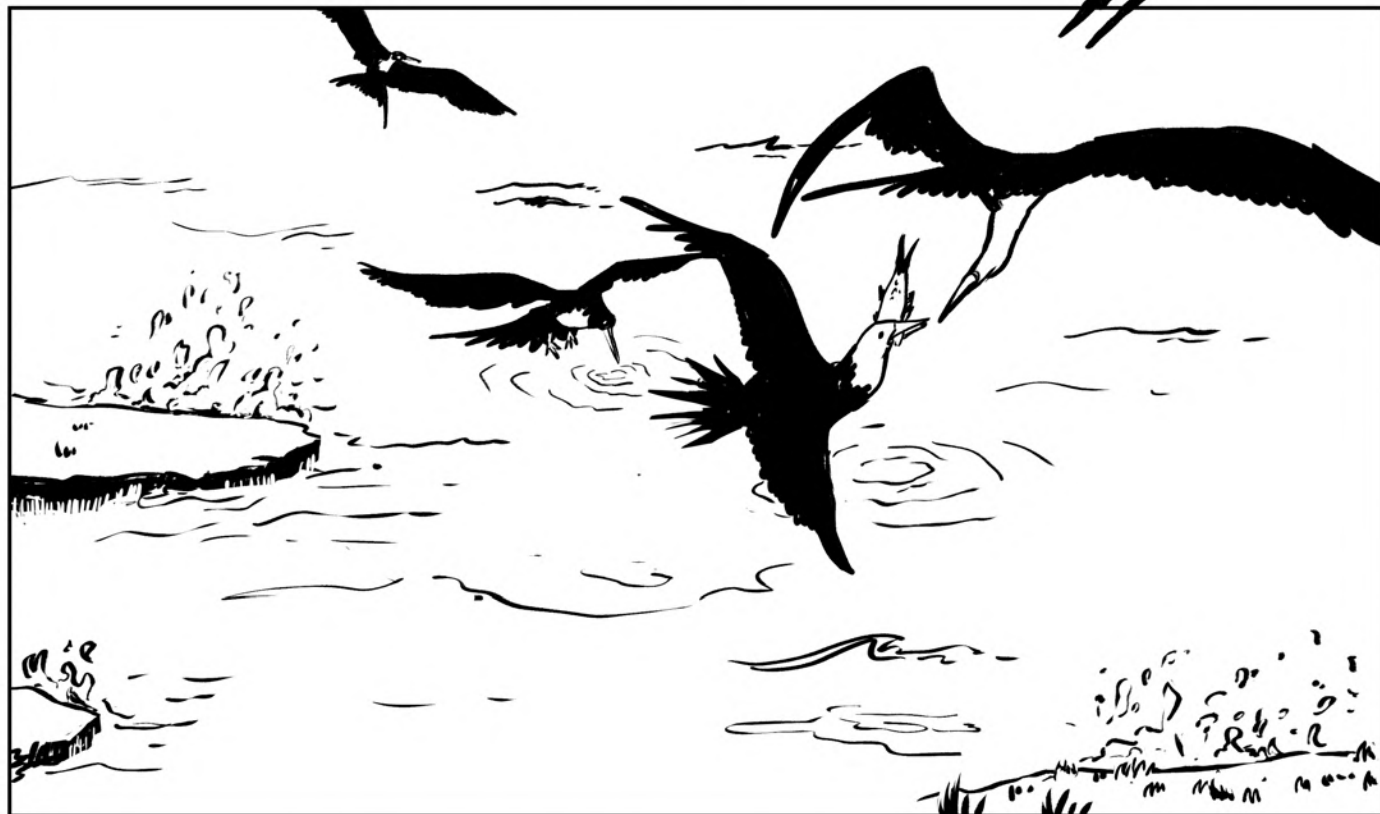


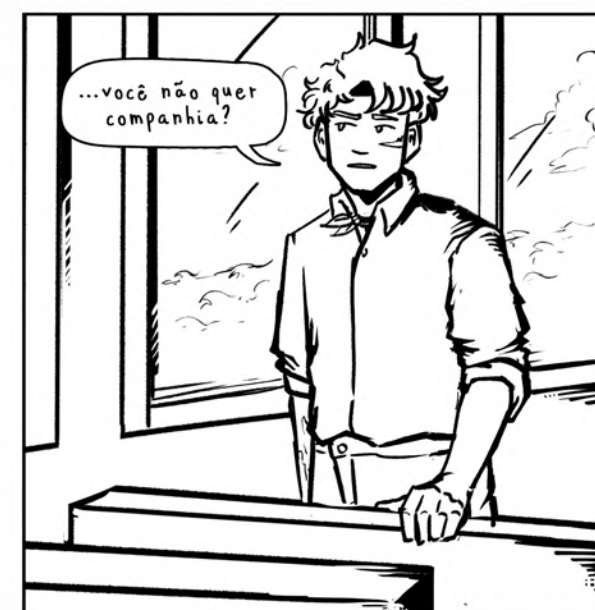




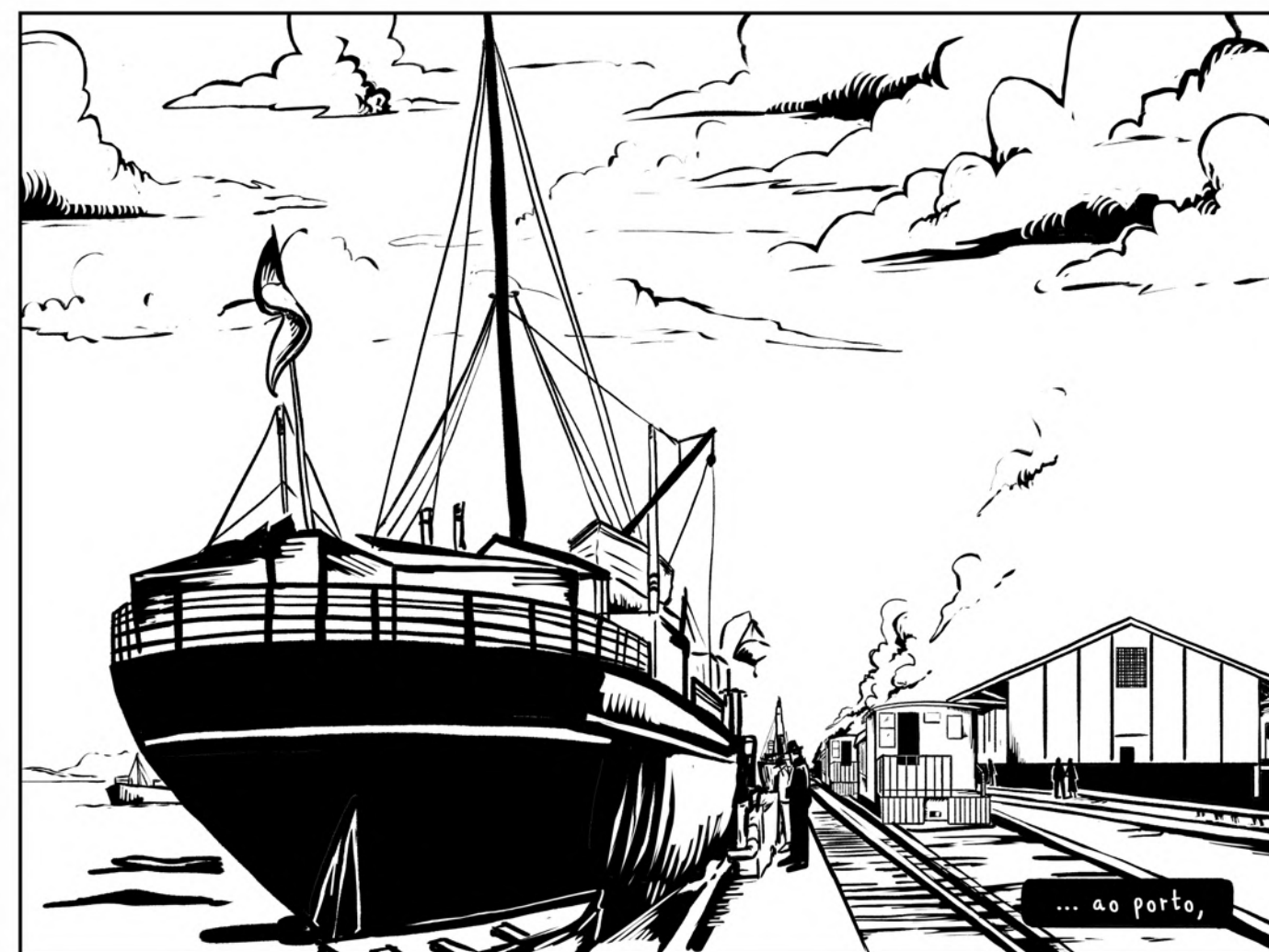
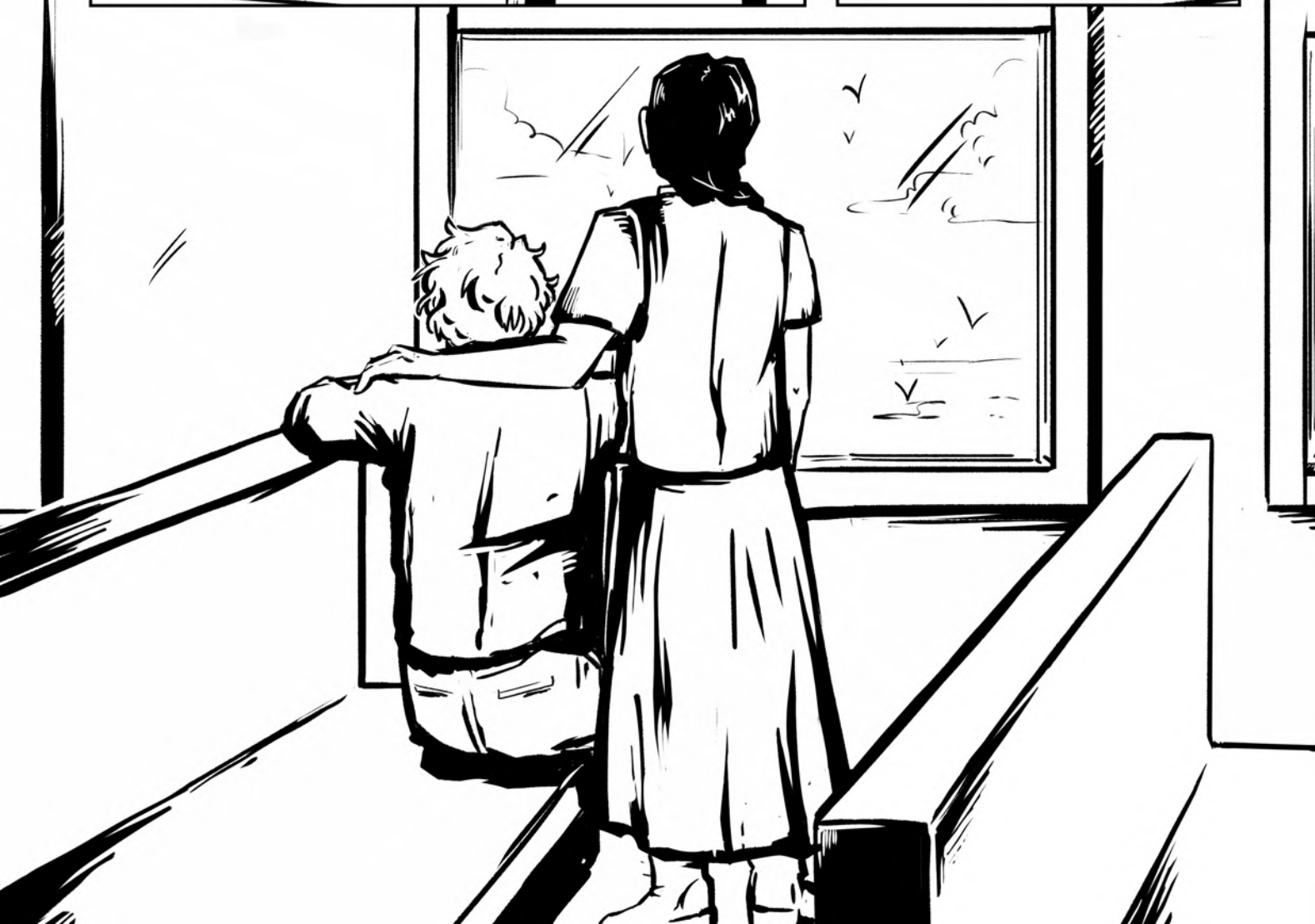
É o mar.













eles chegaram em silêncio,



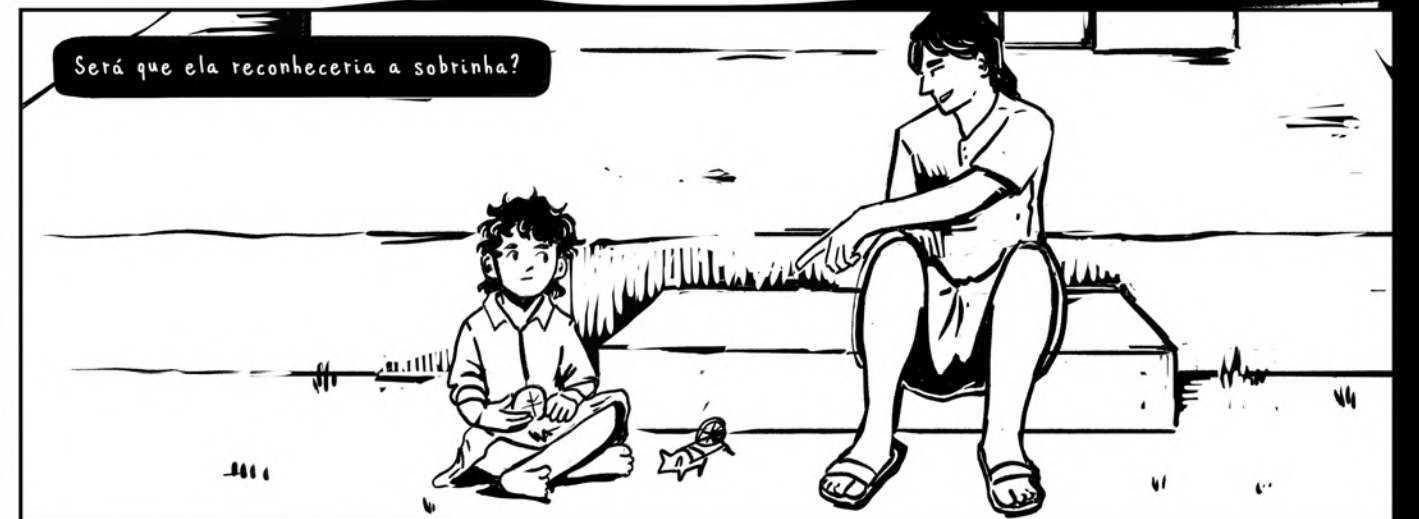
e se separaram em silêncio,



E em silêncio a Samara ficou,



olhando as pessoas indo e vindo e pensando...



Será que ela reconheceria a sobrinha?



E o mais importante...

Ela ainda pensa na Samara com carinho?



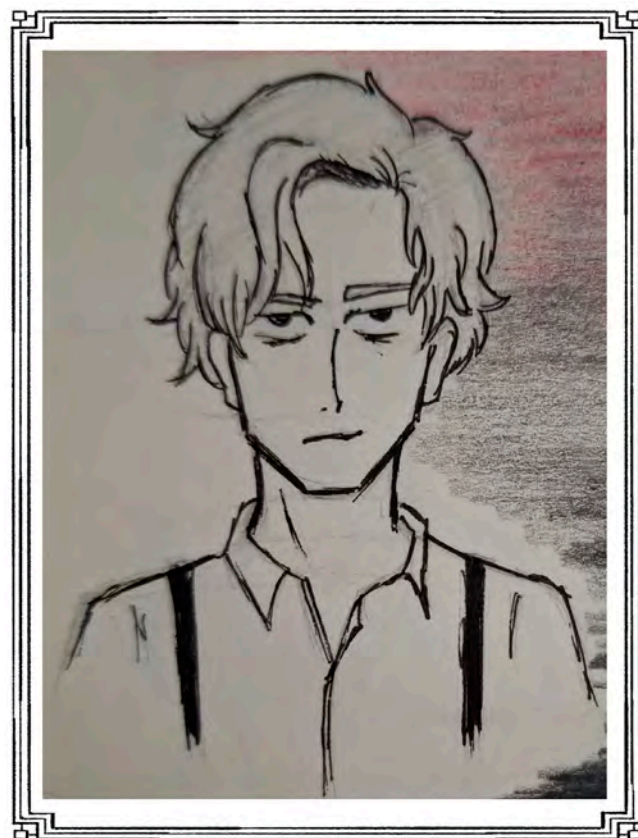








**Algumas notas sobre o projeto**



Fogo no Mato é, na verdade, uma história que existe, de uma forma ou de outra, desde minha adolescência. Surgiu como uma espécie de cópia mal feita da série de livros infantil Percy Jackson e os Olimpianos, onde Cazé e Samara – que na época se chamavam Derrick e Helena – viviam aventuras quase idênticas aos heróis de Percy Jackson. Porém, ao invés de serem filhos de deuses gregos, eram metamorfos que tinham o poder de se transformar em animais. Derrick era uma águia, e Helena... bom, não lembro.

Após alguns anos, comecei a jogar Call of Duty com frequência com minha irmã, e comecei a me questionar que efeitos um conflito armado das proporções como o dos jogos – um deles sobre a Segunda Guerra Mundial e o outro sobre invasões ao Oriente Médio – teriam nos meus personagens, que ainda eram metamorfos adolescentes em meu imaginário. Foi então que criei um personagem que hoje se chama Hélio, que ainda não foi formalmente apresentado em Fogo no Mato, mas que viria a se tornar central para a história.

Pouco a pouco, meu arsenal de personagens foi crescendo, e fui inventando histórias que os conectavam. Mas assim como primeiro me interessei em Percy Jackson e depois em Call of Duty, toda vez que me debruçava mais a fundo sobre algum tema sentia a necessidade de adaptar esses personagens a novos cenários. Usava-os como uma espécie de “e se?” para todas as situações imagináveis. E por isso, com o passar dos anos, apesar de nenhum deles ter um nome ou aparência fixa, passaram a ter personalidades e eventos marcantes em suas pequenas vidas fictícias.

No ano de 2021, estava um pouco farta dessa falta de definição. Por isso, durante a disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual II, decidi criar um pequeno quadrinho dessa história e nunca mais mudá-la. Esse quadrinho são as páginas coloridas iniciais desse livro. Decidi fazer a história passar-se em um mundo completamente fictício, mas baseado fortemente no Brasil do final do século XIX e início do século XX. Nesse mesmo momento, nomeei o projeto de Lissar, uma brincadeira com a palavra Brasil escrita ao contrário: LISARB, mas sem o “b” no final, pois soava estranho. Brincadeira ou não, assim chamei esse quadrinho durante tanto tempo que não consegui me desfazer do nome. Nesse momento também o protagonista da história recebeu seu nome oficial: Cazé.

É ele mesmo quem aparece nessas páginas. Logo abaixo, a última concept art que fiz dele antes de iniciar as páginas preto e branco desse quadrinho. E à esquerda, trago uma página de um caderno que carregava durante o ensino médio, o registro mais antigo que encontrei dele.



Nas páginas seguintes, reuni alguns rascunhos de personagens, algumas referências visuais importantes para esse projeto, e também documentei as mudanças que meu processo sofreu no decorrer da execução desse quadrinho. Faço essa coletânea com o objetivo de preservar o que Cazé é hoje caso ele mude drasticamente no futuro, como Derrick o metamorfo sabe muito bem ser possível acontecer.

Para meus amigos do CAPHÉ: muito obrigado por ficarem acordados comigo até às 3h da manhã durante toda a pandemia discutindo esse menino. Para meu amigo Fábio: se por um acaso você chegou à esse livro e leu até aqui, eu consegui!!! Essa história finalmente existe!! E não se parece com nada que discutimos!!

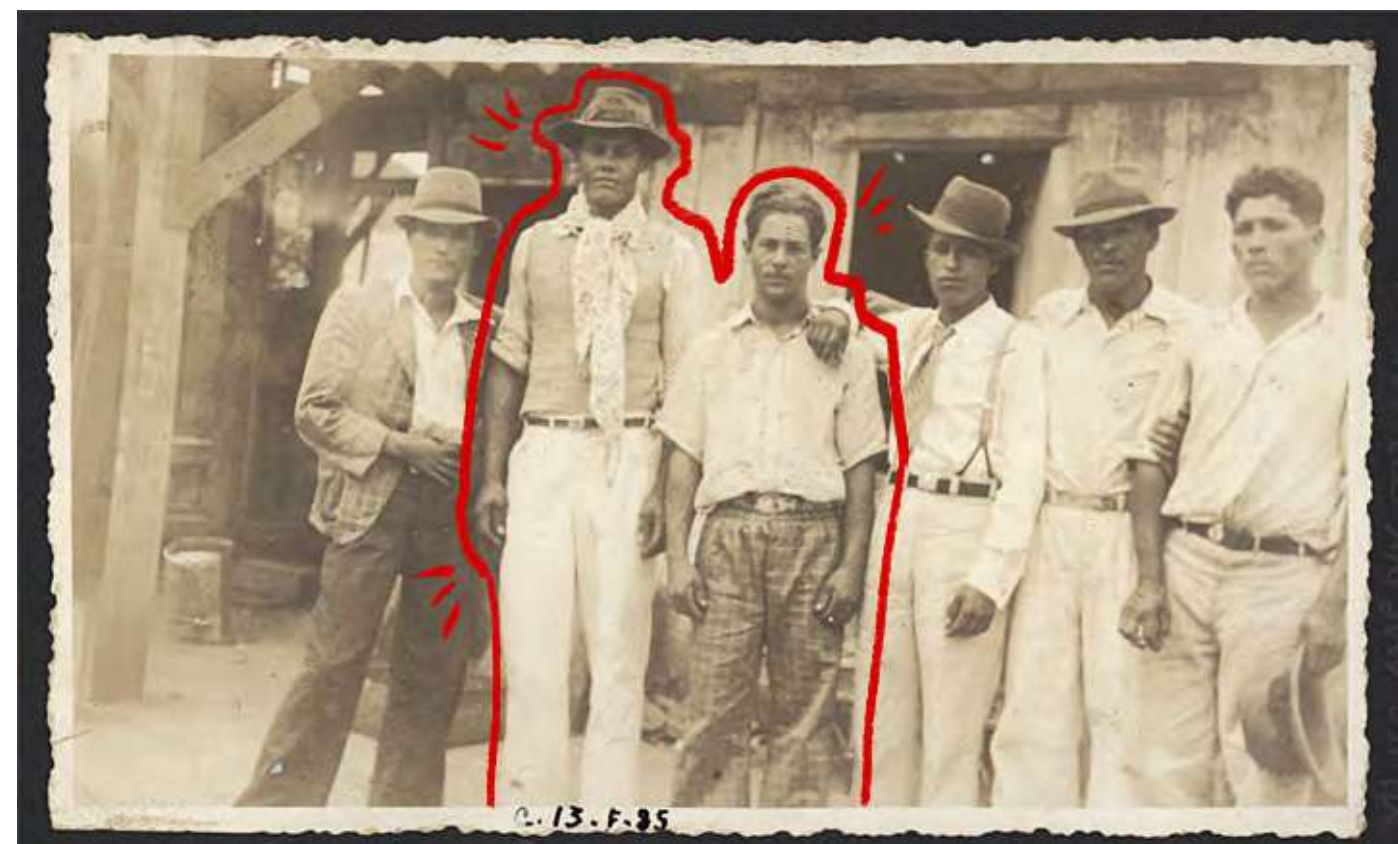


**Concept art**



Cazé! O príncipe dessa história! Esses testes foram feitos antes de inciar o desenho da parte colorida do quadrinho. Estava tentando decidir o corte de cabelo, a aparência jovem dele e o tom de pele. A carta de Tarot é de um antigo projeto em gravura em metal que nunca se realizou. A ideia era fazer uma carta para cada personagem da história, e o Cazé foi o primeiro rascunho que fiz.





Tonho, ou Antônio, é um personagem que por enquanto apenas apareceu em flashbacks. Ele e o Cazé são baseados na foto no topo dessa página, e frequentemente desenho os dois juntos porque o relacionamento deles é importante para a história.





Acho que o nome dela não foi mencionado na história ainda, mas essa é a Isabel, ou Bels, para os íntimos. No início desenhei ela loira devido à paleta de cores das roupinhas que imaginei para ela, mas depois decidi que ela precisava ter o cabelo preto chapado igual o resto da família. Baseei muito da aparência dela nessas fotos que encontrei no acervo do Museu da Imigração. Uma curiosidade: não tenho nenhuma concept da Samara porque desenvolvi a aparência dela só no momento que precisei desenhar ela da primeira vez. E gostei muito!



Em cima, temos o rascunho de uma das minhas cenas favoritas da história, mas que infelizmente acontece só daqui um bom tempo. Em baixo, é um desenho já finalizado de um outro momento importantíssimo, que eu tinha a intenção de incluir nesse livro. No entanto, ao observar as páginas juntas senti que era melhor guardar ele para mais tarde.

## Referências visuais





Quando ainda tinha planos de fazer uma história colorida, minhas maiores inspirações foram duas webcomics que são muito simples nas cores e nas linhas. Nessa página, temos o exemplo de HOTBLOOD, de T. E. Orlesky, e....

... nesta página On a Sunbean, de Tillie Walden.









Outra grande inspiração para o quadrinho foram fotografias de época. Passei muito tempo navegando acervos e salvando fotos que me interessavam. A foto acima é do acervo do Instituto Morerira Salles, como a marca d'água sugere. É um antigo hotel próximo ao vale do Anhamgabaú fotografado por Militão Augusto de Azevedo.

Anotei o nome de fotógrafos que conhecia, como o caso ao lado. Mas também salvei muitas imagens cujo fotógrafo não foi creditado, como essa. Utilizei muito o acervo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, e é por cojnta disso que grande parte do início da história se passa na antiga Hospedaria de Imigrantes.



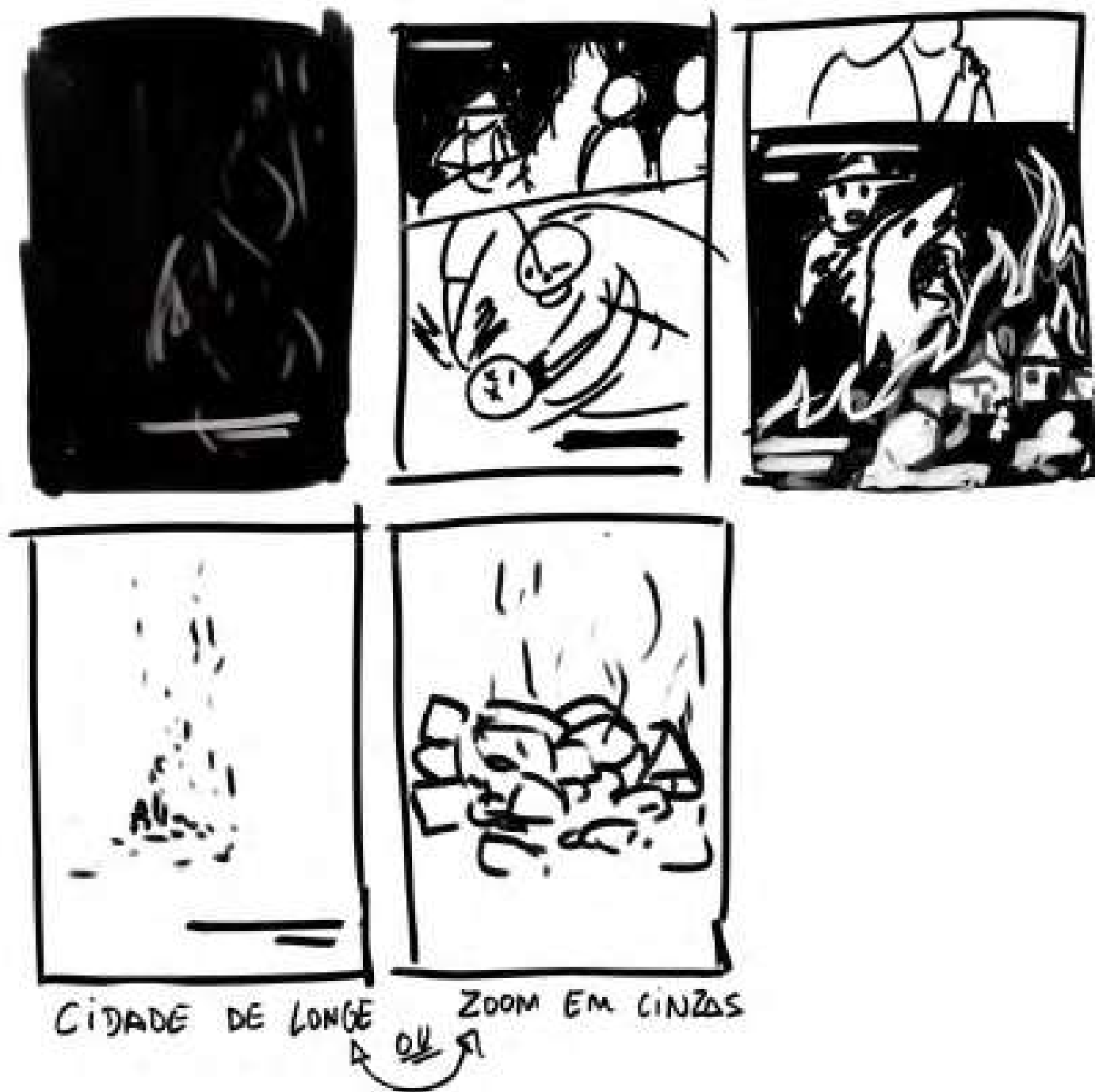


## Processos



Por fim, uma última fonte importantíssima é o acervo de fotos antigas da cidade de Poloni. Poloni é uma pequena cidade do interior de São Paulo onde meu pai nasceu e onde eu frequentava todos os anos durante as férias. A cidade onde Samara cresceu é inspirada nela, e por meio de grupos de Facebook de moradores e ex moradores reuní uma série de fotos da cidade. Além disso, tenho também exemplos mais modernos no meu acervo pessoal de fotografias de família, e também minha memória. A história do quadrinho está se encaminhando para a Poloni de Lisar apenas agora, mas é um aspecto que estou muito empolgada para desenvolver!





O primeiro passo na realização do quadrinho foi a realização de pequenos croquis das cenas. A imagem acima são desenhos que fiz para desenvolver a parte colorida do quadrinho.

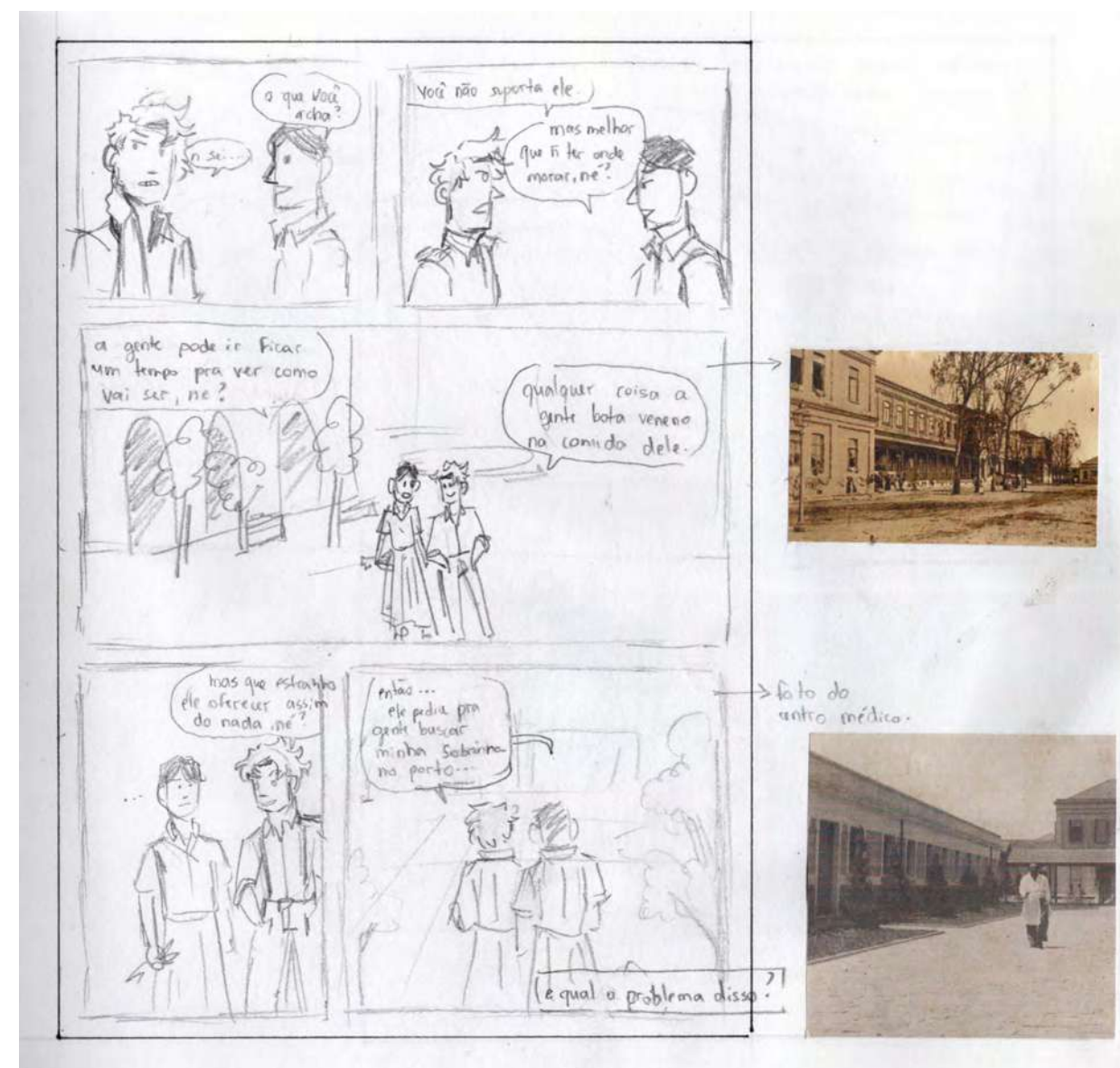


Quando a complexidade da história e das cenas cresceu, esse modelo simples não deu mais conta das minhas necessidades. Comecei a desenhar digitalmente rascunhos de todas as páginas e escrever as falas ao lado. Depois, me incomodei que dessa maneira não conseguia ver como as imagens ficariam dispostas lado a lado, e as organizei em um novo documento para conseguir visualizá-las melhor.





Por fim, abandonei o modelo digital por completo e fiz todos os croquis à mão, utilizando também recortes das fotografias que pretendia usar de referência para me ajudar.



Aqui temos mais um exemplo, onde resolvi colar as imagens na lateral. Fazer os rascunhos em um caderno resolveu todos os problemas, porque não só conseguia visualizar as páginas já no formato de livro, como também conseguia usar o formato quadrado do caderno ao meu favor, fazendo anotações nas bordas.





Sobre o desenho do quadrinho e si, no primeiro momento estava convencida de que tinha que fazer tudo a mão, porque o desenho à lápis era “mais solto” que o digital. Então desenhei umas três páginas inteirinhas assim...



... e fiz o teste com tinta nanguim e caneta bico de pena, que odiei. As linahs tremiam, desenhava cada linha com medo de estragar uma página inteira de trabalho. Também não estava disposta à lidar com o desafio de digitalizar os desenhos para conseguir reproduzi-los bem para impressão. Usei os rascunhos que já tinha feito como base para o desenho digital, mas depois que as três folhas iniciais haviam se esgotado decidi fazer o rascunho também digital para agilizar o processo.





No desenho digital, experimentei com escalas de cinza...

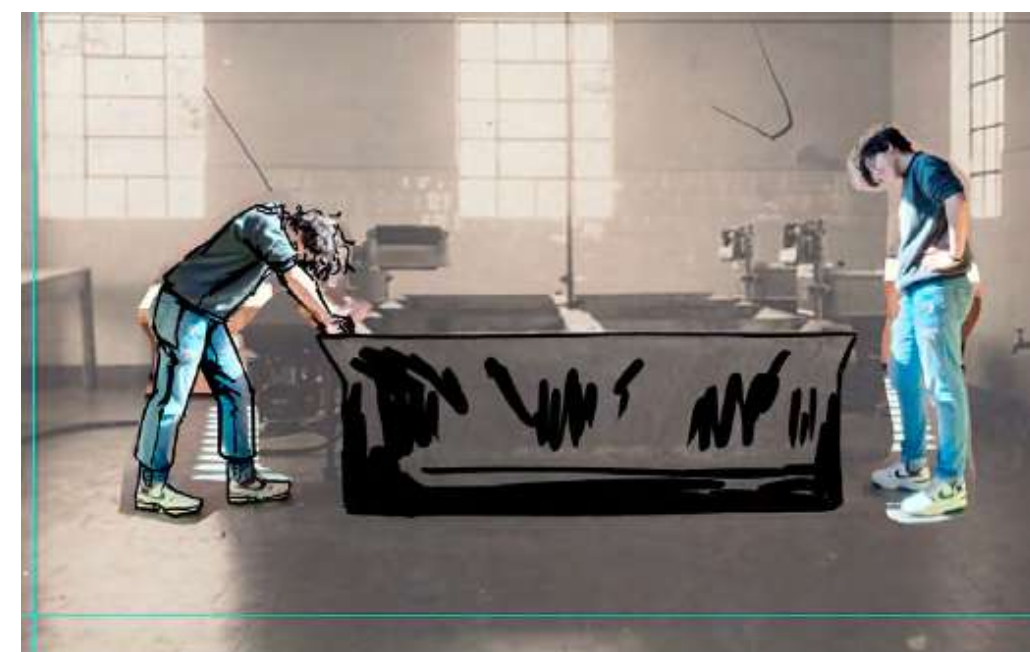


... e com a paleta de cores das páginas iniciais, mas cheguei à conclusão que preto e branco combinava mais com o tom da história.





Para os rascunhos digitais, além de usar o croqui que fiz em meu sketchbook, também me utilizei muito de fotos de referência que eu mesma produzi. Adiquiri um tripé especificamente para esse projeto, e passei muita vergonha posando no quintal de casa enquanto minha irmã e mãe riam da minha cara.



Meu trabalho com xilogravura acabou influenciando muito meu desenho digital também. Comecei a desenhar preenchendo grandes áreas de preto e usando a borracha para cavucar as linhas do jeito que queria, como se fosse uma goiva digital. Bem mais trabalhoso que só desenhar normalmente com o pincel do Photoshop, mas eu gosto do processo e do resultado!



## Bibliografia

## OBRAS E ACERVOS CITADOS NO TEXTO

MENSUR  
ON A SUNBEAN  
HOTBLOOD  
MILITÃO  
ACERVO IMS  
ACERVO MUSEU DA IMIGRAÇÃO  
GRUPO FACE POLONI

## OUTRAS REFERÊNCIAS

OS SERTÕES  
GRANDE SERTÃO VEREDAS

